



ÁREAS DE MAIOR OCORRÊNCIA DE IMPACTOS ENTRE PESCA E CETÁCEOS E ESPÉCIES MAIS ATINGIDAS NO LITORAL OESTE DO RIO GRANDE DO NORTE.

Iraê Terra Guedes de Oliveira; Helaine Mirelli de Almeida; Julliana Fernandes de Sena; Kaliane Roberta dos Santos Narcizo; Paula Tatiana Gomes; Thiago Emanuel Bezerra da Costa; Ximemya Glauce da Cunha Freire Lopes; Adna Sandra Lucas Firmino; Flávio José de Lima Silva.
Projeto Cetáceos da Costa Branca -Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, FANAT- Mossoró, RN. E-mail: iraeterra@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O litoral do Estado do Rio Grande do Norte possui cerca de 400 km de extensão e é dividido em duas porções (Litoral Sul e Litoral Oeste). A porção oeste, também denominada de Costa Branca apresenta como principais atividades econômicas a extração de sal e petróleo, carcinicultura e pesca artesanal (Attademo, 2007). Diversos fatores naturais podem levar os mamíferos marinhos a óbito ou ao encalhe, mas são as ações antrópicas as que mais vêm ameaçando às populações desses animais em todo o mundo. A exploração de petróleo, derramamento de óleo, pesca com redes inadequadas, choque com grandes embarcações e o turismo são algumas das ações responsáveis pelo impacto negativo sobre esses animais (Hoyt, 2005).

A pesca artesanal é ainda uma das maiores fontes de sustentação de muitas comunidades costeiras e é caracterizada pelo uso de apetrechos simples e embarcações de pequeno porte. Tais instrumentos são comumente causadores de emalhes acidentais de pequenos cetáceos (Di Benedetto, 2001). Em estudo recente Attademo (2007) verificou a captura acidental de cetáceos na região, indicando inclusive o uso de carcaças como isca e consumo humano.

OBJETIVO

Este trabalho teve como objetivo identificar as áreas de maior ocorrência de interações entre cetáceos e atividades de pesca na Costa Branca, bem como identificar as principais espécies afetadas por essas interações.

METODOLOGIA

No período de 22 de janeiro de 2005 a 25 de Março de 2007 foram realizadas entrevistas aplicando-se questionários, segundo Przbylski & Monteiro-Filho (2001), em todas as comunidades pesqueiras da

região, compreendida entre Galinhos (ao sul) e Tibau (ao norte). Tais questionários contiam questões sobre tipos de apetrechos, espécies alvo de pescada, avistagens, captura acidental e o destino de cetáceos capturados. Também foram coletados materiais biológicos de animais encalhados e procedida a identificação das respectivas espécies

RESULTADOS

Foram coletadas 13 carcaças de cetáceos, sendo 4 carcaças incompletas de boto *Sotalia guianensis*, estando todas descarnadas em Diogo Lopes; 2 carcaças, sendo um animal inteiro de cachalote *Physeter macrocephalus* e um crânio de *S. guianensis* na Praia de Cristóvão/Areia Branca; 2 carcaças de *S. guianensis*, sendo um fresco e outro em estado avançado de decomposição, sem os órgãos em Galinhos; 2 animais, sendo um golfinho cabeça-de-melão *Peponocephala electra* descarnado e um fragmento de crânio de cetáceo não identificado na Praia do Rosado; 1 boto *S. guianensis* com crânio, nadadeiras peitorais e uma escápula em Grossos; 1 vértebra de um Delphinidae não identificado em Tibau e 1 crânio de *S. guianensis* em Porto do Mangue.

Assim como no presente estudo, Przbylski & Monteiro-Filho (2001) relataram interações negativas em diferentes locais do país.

O uso de tecido adiposo como isca para pesca de cação é comum em diferentes regiões do país (Przbylski & Monteiro-Filho, 2001; Barbosa & Barros, 2006; Attademo, 2007), assim como o uso da carne para alimentação e do óleo para a pesca de peixe-voador (Attademo, 2007).

Por ser a pesca artesanal na região costeira, o boto cinza *S. guianensis* (Boto-Cinza) que possui hábito essencialmente costeiro é umas das espécies mais

atingidas por esses impactos de interação negativa, com 69% dos casos de encalhes.

Foram realizadas 135 entrevistas com pescadores. Entre os entrevistados, 12% confirmaram usar com elevada frequência pequenos cetáceos, como isca nos espinhéis para capturar cações e 24% relataram saber do uso desta técnica por outros pescadores. De acordo com os mesmos relatos são utilizados como isca apenas os animais que encalham na rede acidentalmente, mesmo que esses sejam encontrados ainda vivos. Attademo (2007) verificou que para esse uso os pescadores retalham os animais a bordo das embarcações imediatamente após a captura, aproveitando apenas os músculos - misturados a peixes inteiros no intuito de evitar a punição - e descartando a ossada como forma de evitar vestígios da captura desses animais. A comunidade de Diogo Lopes apresentou o maior número de registro de interação entre cetáceos e atividades de pesca, com 30,76% dos casos. Essa condição pode está relacionada ao fato da comunidade possuir uma das maiores frotas pesqueiras da região.

CONCLUSÃO

A região da Costa Branca sofre diversos impactos ambientais que aceleram o processo de perda de biodiversidade e entre estes a atividade pesqueira que demonstrou caracterizar como uma interação negativa entre pescadores e cetáceos para ambos os lados: os cetáceos por virem a óbito e os pescadores por terem suas redes destruídas.

Os esforços devem ser mais concentrados na comunidade de Diogo Lopes, uma vez que nesta interações negativas, aparentemente decorrente da utilização de cetáceos como isca para cação e do óleo para pesca de peixe-voador, são maiores que em outras.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

Attademo, F. L. N., 2007. *Caracterização da pesca artesanal e interação com mamíferos marinhos na região da Costa Branca do Rio Grande do Norte.* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Barbosa, L. A. & Barros N. B., 2006. Aspectos da distribuição, biologia e captura acidental de boto-cinza (*Sotalia guianensis*) no litoral do Espírito Santo, Brasil. *In: Workshop on Research and Conservation of the Genus Sotalis: Book of*

Abstracts. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ,

Di Benedetto, A. P M.; Ramos, R. M. de A. & Lima, N. R W, 2001. *Os Golfinhos: Origem, classificação, captura acidental, hábito alimentar.* Porto Alegre: Cinco Continentes Editora.

Hoyt, E., 2005. *Marine protected areas: for whales, dolphin and porpoises.* London, Earthscan.492p.

Przbylski, C. B. & Monteiro-Filho, E. L. A., 2001. Interação entre Pescadores e Mamíferos Marinhos no Litoral do Estado do Paraná - Brasil. *Biotemas* 14 (2): 141 - 156.